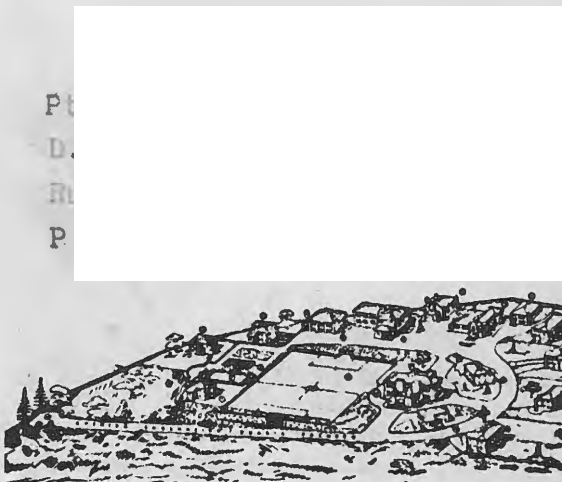




ICA
23126



O Gaiato

2 DE SETEMBRO DE 1972
ANO XXIX — N.º 743 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

TRIBUNA de Coimbra

Veio de França um casal emigrante à procura de casa onde deixar os dois filhos em idade escolar. O ano passado os pequenos estiveram num colégio, mas não tiveram aproveitamento. Alguém indicou aos pais a nossa Casa e vinham dispostos a pagar.

Ao nosso não, perderam mais uma viagem de esperança que haviam feito e exclamaram um para o outro: — «E que havemos nós de fazer? Já batemos a tantas portas!».

E lá foram sem saber para onde.

Há dias procuraram-nos para aceitarmos um miúdo a quem faleceu a mãe em pequenino e o pai emigrou e nunca mais quis saber. Ficou com a avó, agora impossibilitada e anda a monte.

Está um grande vadio e ninguém lhe põe a mão.

Dissemos que não podíamos recebê-lo e que a autoridade civil tem obrigação de providenciar para procurar o pai e obrigá-lo à sua responsabilidade. Se for necessário deve intervir a Interpol.

Já temos aberto as nossas portas a filhos de emigrantes. O pai do David faleceu de desastre em França e a mãe ficou com muitos filhos. O pai do Carlitos faleceu do desastre da camioneta que o transportava clandestinamente e a mãe ficou como a do David. O pai do Américo, do Luís Filipe e do Tó Zé anda por lá. A mãe do Nicolau e do «Loirinho» foi e voltou. A mãe do «Rebola» abandonou-o

em pequenino e agora veio buscá-lo numa altura em que o não devia levar.

A emigração é um mal necessário. Também eu o senti na vida, pois meu Pai emigrou para o Brasil quando eu tinha dois anos (o mais velho de meus três irmãos tinha nove) e lá faleceu quando se preparava para regressar.

Ai da economia do nosso pobre povo se não fosse a emigração!

Mas quantos males! Quantos filhos abandonados! Quantas mães e quantos pais trocados por outras mulheres ou por outros homens! Quantos lares desfeitos! Quantos têm esquecido a Pátria! Quantos têm perdido a consciência de cris-

Cont. na 3.ª página

Com alegria recebemos a notícia da criação da Secretaria de Estado de Urbanismo e Habitação. E ficamos na esperança de que tal pelouro da Administração Pública, não só signifique mais expressivamente o interesse que os problemas da habitação merecem, mas, sobretudo, seja eficaz na simplificação de processos que hão-de pôr mais ordem em assunto de tanta monta para o bem-estar do Povo.

E aqui caberia, no que se refere a urbanismo, a mágoa de ver crescer à toa extensos aglomerados, principalmente na periferia dos grandes centros — mágoa que toma proporções maiores em Luanda, onde se avolumam irreparavelmente pecados contra a Higiene e a Estética!

Mas mais agudamente nos cabe a nós sentir — no Caniço de Lourenço Marques, ou nos Musseques de Luanda, ou nos Bairros de Lata de Lisboa — as carências mais primárias no que se refere à habitação do homem. É um pecado que brada ao Céu, já não somente às normas urbanas do século XX. E mal nos vai se, em vez de decididamente declararmos guerra à miséria habitacional que aflige ainda tanto o nosso Povo, drogarmos a nossa consciência e entorpecermos as nossas energias realizadas, porque em volta de Paris também há Bidonvilles e em Nova York coisas parecidas!

O mal é uma realidade objectiva — não padece de contemporizações. (Já não assim com os maus, segundo o preceito evangélico que nos manda odiar o pecado, mas amar os pecadores!) Se nós acreditamos que é assim, decidimo-nos à cruzada. Se acreditamos e decidimos e comprometemos Deus connosco numa empresa que, por ser de Justiça, é d'Ele — quem contra nós?!

O que se não faria se os homens que se julgam poder, ou a quem se atribui poder, fossem simples, humildes e fiéis!

PATRIMONIO DOS POBRES

Vejamos nesta causa da Habitação, que finalmente logrou ter uma Secretaria de Estado a defendê-la — vejamos quantas energias se perderam, quantas realizações estiolaram, quantas duplicações escusadas não terão acontecido por causa das «capelinhas»: se é este sector da governação que tem competência, ou se é aquele. Eu não sei qual é o degrau hierárquico superior a que fica ligada esta Secretaria de Estado. Mas se os seus primeiros Responsáveis, antes de mais, não conquistarem e firmarem a sua independência — é mais uma bancada de Burocracia a esterilizar.

Haja sinceridade. O que está em jogo é o homem e o bem-estar fundamental a que tem direito e do qual não mais abdicará neste século de luzes, onde acabaram distâncias e barreiras que antigamente evitavam comparações.

O pão, a casa, o vestuário, a instrução, a saúde, a segurança na doença e na velhice — não são mais valores utópicos, mas realidades a que todo o homem cónscio de si mesmo se acha com direito. Reformar no sentido de satisfazer este direito é a evolução que suprime a revolução. Para isto, todos não somos demais — não é?! Então que acabem as «capelinhas», que actuemos em assembleia, guiados por perspectivas universais, animados por anseio muito profundo e sincero do Bem-Comum. E que não seja a fachada a preocupação dominante da Secretaria do Urbanismo e da Habitação, mas a verdade, a partir de dentro para fora, de baixo para cima, conforme ao conceito evangélico de Pai Américo: que a

Continua na QUARTA página

Lourenço Marques

Se todos os dias não fossem para nós de acção de graças, seria, pelo menos, aquele em que damos conta do que nos dão. A Obra vai caminhando e Deus vai andando connosco, conforme o nosso esforço. Temos esperanças de no dia 23 de Outubro próximo podermos, à nossa maneira, inaugurar a Aldeia. Mas entretanto, quantas canseiras e preocupações que Deus há-

Cont. na QUARTA página



Eis uma bela perspectiva do edifício escolar. A Obra vai caminhando e Deus vai andando connosco, conforme o nosso esforço.

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

ANIVERSÁRIO — No passado dia 4 de Agosto, foi dia de festa em nossa Casa; celebrámos mais um aniversário da ordenação sacerdotal do nosso Padre Manuel. Começámos primeiro com a Missa. No ofertório solene aproveitámos o momento para lhe oferecermos umas prendazitas muito simples; que do mais pequeno ao mais velho tivemos a honra de entregar a Jesus. Seguidamente, foi o jantar. Presentes as Irmãs Espanholas, sempre alegres. Ao entrarmos para o refeitório, os chefes de mesa, todos com camisas brancas e laços pretos, fizeram um cordão à entrada da porta. Todos passaram pelo meio deles. Finalmente, entrou o nosso Padre Manuel. Então, cantámos o Hino ao Sacerdote. Depois os chefes, todos alegres, começaram a servir as mesas, a recolher loiça; outros, quando serviam, começavam logo a comer na cozinha: «eh pá, passa daí uma perna de galinha». Outros: «eh pá, antes um pouco de leitão». Enfim, tudo alegria!

Tudo isto foi uma surpresa para o nosso Padre Manuel. Não contava com esta manifestação dos seus queridos filhos. Foi uma iniciativa da malta mais velha e do Américo. Por isso, já podem imaginar como é que se sentem em vossas casas quando, sem contar com nada, os vossos filhos fazem destas festas. É sinal de amor. Digo-vos que o nosso Padre Manuel não gosta de festas, nem de prendas. Mas ele tem que compreender que um dia destes deve ser comemorado, porque bem merece — pelo carinho que tem para com os seus filhos; quantas vezes triste pelos problemas que surgem, mas, sempre pronto a trabalhar para uma humanidade melhor. É de realçar o seu magnífico trabalho ao longo destes oito anos na construção da nossa Aldeia, com certas dificuldades; mas lá vai conseguindo vencer. Pegamos a Deus que o ajude sempre a trabalhar para esta Obra.

No final desta jantarada, ouvimos alguns dos mais velhos. Em primeiro lugar falou o Américo, que disse: «Estou muito satisfeito com esta festa. Ao tempo que cá estou nunca vi uma coisa assim. É sinal que a malta se encontra num dos melhores momentos desta Casa. Existe, sem dúvida, união familiar. E isto é bom. Peço-vos que continuem sempre a ajudar o nosso Padre Manuel, porque ele tem sido, para nós, um autêntico Pai».

Depois, falou o Zeca, baseando-se mais ou menos no que disse o Américo. Disse no fim: «Meus irmãos, estou muito satisfeito com tudo isto. Peço que vivamos sempre os problemas da nossa Obra como ele tem vivido, para podermos construir uma Obra melhor. E amemo-nos sempre como eles nos ama».

O Vieira também falou: «Em meu nome e de toda a Comunidade desejamos ao nosso Padre muitos parabéns pela boa hora em que o Se-

nhor o chamou para nos servir». E, por fim, o senhor Padre Manuel: «Meus queridos filhos: estou muito sensibilizado por esta manifestação que tiveram para comigo. Vocês bem sabem que eu não sou muito expansivo; mas, dentro de mim, vivo com muita alegria. Eu sei que na medida em que eu for melhor, vós também o sereis. Quantas vezes desanimado, com tantos problemas; mas pensando em vós, reaparece logo o ânimo. Tenho procurado sempre dar-vos tudo quanto tenho dentro de mim».

É o testemunho de um grande Pai. Assim terminou este dia festivo. Agradeço a todos que trabalharam para esta festa. Muito em especial a D. Virgínia, sempre incansável, junto com a Olímpia e toda a Comunidade.

José S. Serrão

LAR DE COIMBRA

BALANÇO ESCOLAR — Terminou mais um ano lectivo. Facto importante que não passa despercebido na rotina do dia a dia, não só pelos resultados obtidos, mas também porque são chegadas as ambicionadas férias.

Falando dos resultados, começo por dizer que também para nós o ano foi mau, pois tivemos quatro reprovações: três no ensino liceal e uma no técnico — Jorge, «Pombinha», «Pêssago» e «Augusto». Transitaram ao ano imediato o Benjamim e o «Pinóquio» para o segundo ano; o Nicolau para o 3.º; o Zé Domingos para o 4.º; e eu fiz o 3.º. Isto no liceu. «Véstias» e Eliseu para o segundo ano da Escola Comercial.

VISITAS DE TRABALHO — Durante o mês de Julho estive no nosso Lar um padre francês, no intuito de aprender a nossa língua para um melhor contacto e convivência com os emigrantes portugueses, na França. Além deste padre francês, recebemos também, no nosso Lar, um grupo de franceses, espanhóis, belgas e holandeses pertencentes à organização dos Companheiros Construtores, dos quais alguns iam trabalhar para algumas das nossas Casas. Neste grupo vinham também duas raparigas já nossas conhecidas, duas belgas que haviam ensaiado alguns dos números das nossas festas. Para estes e outros grupos idênticos temos sempre as portas abertas e a casa é grande — cabemos cá todos.

Lita

ERICEIRA

Desnecessário se torna encarecer a importância de um tempo de férias para quem, ao longo de um ano activo, operoso e exaustivo, dispendeu energias, já que a sua necessidade se depreende intuitivamente.

Aguardadas avidamente e monopolizando todos os interesses dos últimos dias, elas chegaram finalmente e findaram até já para os dois primeiros grupos.

Em relação a estas e à laia de testemunho, podemos afirmar que em termos de repouso, recuperação e

valorização, corresponderam à sua real finalidade.

Determo-nos nos «códos» salutareis e na aquisição das cores tão desejadas provenientes da incidência dos raios solares sobre os corpos estatelados calmamente ao longo da areia escaldante, será formar um conceito de ordem meramente física ou materialista.

Se relacionarmos, todavia, estes aspectos com a realidade psíquica neles implantada, podemos avaliar de quanto mais eles representam.

Por outro lado, com a mudança de ambiente operou-se uma mudança de chefes e de trabalhos, por parte dos rapazes, facto que proporcionaria uma renovação de disposição e um crescimento de responsabilidade.

Viveram-se ao mesmo tempo, momentos de grande e intensa fraternidade, a manifestar-se em verdadeira entreajuda.

Nota deveras interessante e comprovativa era o facto de os mais velhos se dedicarem ao cuidado e preocupação generosa pelos mais novos, os «semeadores da alegria», ora levando-os ao banho, ora facilitando-lhes a escalada do caminho do monte de acesso à praia.

A contribuir para a formação de um ambiente ainda mais fraternal e responsável, estiveram presentes, como já vem sendo hábito, alguns seminaristas, comungando e partilhando do mesmo pão.

Com o objectivo de poder encarar por um prisma mais universal e ecuménico os problemas inerentes à complexidade da vida humana eles aí estiveram enriquecendo-se e valorizando-se nesse sentido.

Assunção

AZURARA

Agosto, mês de férias. Não podiam faltar as praias! Todos os anos os nossos Rapazes vão até Azurara a fim de saborearem 15 dias de pleno descanso. Desta vez os mais velhos contribuíram para a boa disposição durante a viagem até à praia. Na nossa comitiva também se incorporaram dois jovens seminaristas de Viseu (Vicente e Amadeu). Sentimos todos grande alegria em conviver com eles. Foram muito simpáticos e prestáveis. Estamos-lhes, desde já, muito gratos.

Na primeira semana tivemos bom tempo. Realmente bom para aproveitarmos as delícias do mar.

É de assinalar a boa alimentação com a ajuda da Emília, mulher do Júlio Mendes.

Alvaro, Chefe de turno, teve a preocupação de que nada faltasse; o que significa muito esforço deste para manter o ritmo da nossa vida.

No fim da primeira semana, entoámos alguns cantares para despedida dos jovens seminaristas que seguiram para as suas terras.

Mais fraca a segunda semana. Tempo mau. Mesmo assim não contribuiu para desequilibrar o ritmo da semana anterior.

Júlio Mendes e sua comitiva passaram 15 dias connosco, junto de nós.

«Que bom seria se todas as pessoas desde as mais capazes às mais impossibilitadas tivessem as suas férias»...

«Eusébio», aquele que todos vós conheceis, rapaz humilde e bem educado, teve, neste turno, muito traba-

lho. Era o «homem-recado», para que nada faltasse. Se fosse preciso alguma coisa, «Eusébio» ia à Vila. Ia sempre de cara alegre.

Por parte de todos agradeço ao Alvaro e Francisco, responsáveis do turno, a maneira como se portaram ao longo destes 15 dias. Havendo boa colaboração de todos, tudo se resolve por bem.

Henrique

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Em todas as edições há sempre algumas presenças! Uma vez mais, outras menos. Mas há sempre. São companheiros de jornada. Demos graças ao Senhor Jesus pela extraordinária perseverança dos nossos amigos. Perto ou longe, vivificados pelo Espírito — não há distâncias. Esta é a grande Verdade. Abre o coluna uma carta, muito simpática, de um amigo da Beira, com 100\$00. Mais o costume da assinante 17022. E 500\$00 de Rio-Meão, selando uma velha amizade. Agora, temos Odivelas:

«É com muita estima que volto a lembrar os vossos Pobres com a minha pequena oferta de 50\$00; agradecendo desde já se lembrem da alma do meu filhinho que partiu para Deus, faz um ano em 15 de Agosto, dia da Assunção de Nossa Senhora...».

Assina «Uma Mãe cheia de saudade». Ninguém mais do que as Mães são capazes de viver os frutos do seu ventre...

De Newark, U. S. A., um dólar — pedindo «uma oração por um filho». É outra Mãe! São elas — são estas — que seguram o mundo, nesta hora dos extremismos...

Da rua Santo Ildefonso, Porto, mais 250\$00 «com toda a simpatia». Oh delicadeza! Por alma dum sacerdote, uma migalha do assinante 27856, de Lisboa. Ainda do Porto, a muito amiga A. F. com 60\$00, «respeitantes aos meses de Junho, Julho e Agosto». Venham mais subscritores assim! O Porto está na baila! mais 20\$00 da assinante 11162.

De algures, «uma Mãe agradecida a Nosso Senhor por tantas graças recebidas» manda 500\$00 «para distribuir pelos Pobres mais precisados». Estes documentos de espiritualidade familiar e cristã não devem esconder-se. Seria pecado de omissão. Revivificam, no tempo, quanto recebemos do seu amor. Jesus e Maria são o maior exemplo.

Mais Porto, com 20\$00, da rua do Cunha. Viva o Porto! De novo a assinante 17022, com o costume costumado. Agora, vem lá o óbulo da viúva. Curvemo-nos à sua passagem e demos graças a Deus:

«Envio uma migalhinha. É duma viúva que gostaria de dar muito mais; porém, tenho de grangear o pão nosso de cada dia. Por isso não mando mais. É pela alma de meu marido. Peço a Deus que toque no coração dos que podem. E que as bênçãos do Céu caiam sobre vós, para que tenham sempre o desejo de fazerem o Bem».

Oh carta!

Mais 100\$00 do Porto, em vale postal, de Maria da Glória. Ainda da Invicta mais 50\$00; «é pouco»,

diz a nossa leitora, «mas é dado com o coração, acreditem. Desculpe eu aparecer poucas vezes na Conferência...». Retribuímos o caloroso abraço. Finalmente, uma Fernanda — que supomos também do Porto — manda 20\$00 e uma legenda que serve de prece geral: «O Senhor ajude todos: os que dão e os que sabem repartir». Muito bem! E mais uma bolada: «Com toda a amizade 600\$00 da Assinante do Seixal e mais 400\$00 deste mês». Obrigado!

Os donativos devem ser enviados à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

JÚLIO MENDES

Paço de Sousa

A FAMÍLIA CRESCE — Em 23 de Julho, casou, em Elvas, o Alfredo Pires da Conceição, que se preparou para a vida em nossa Casa de Paço de Sousa. Fez a aprendizagem profissional, de compositor, em nossas oficinas gráficas. Já não foi meu contemporâneo. Mas isso não importa. É filho da Obra. Aqui expresso o voto de felicidades (extensivo à esposa) da nossa Comunidade.



Uma imagem do casamento do nosso Alfredo — em Elvas.

Soubemos, entretanto, que a mulher do Tolentino deu à luz um par de gémeos! O nosso Padre Carlos



A reedição do 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato»

«Continuam a ser verdadeiramente espumantes as cartas que de toda a parte e todos os dias chegam à nossa Aldeia, aonde se pede um exemplar. Algumas pedem mais. Isto nota-se, com frequência, no caso de sacerdotes; pastores de almas, ao que parece, que querem dar de comer às suas ovelhas. Há um futuro leitor que manda 500\$00 como pagamento de um livro; e pergunta se chega! Trata-se de um homem, colocado hoje na vida, mas que em pequenino dormia pelas valetas e portais. Estes dedicam particular atenção à nossa Obra; e há muitos deles, disseminados por esse mundo além. Veio aqui há dias um mestre de obras dizer pessoalmente quanto nos estima; ele foi dos caminhos... É preciso ter-se sofrido para amar.»

PAI AMÉRICO

● CORREIO DOS LEITORES

Mais peregrinos a fumar. Tantos, meu Deus! Um monte deles à espera de vez — para alimento espiritual de nós outros. Custa tanto, tanto, tanto, não poder revelar todos os hinos e preces, quais tesouros escondidos no altar das almas! Olhem para esta religiosa:

«Recebi os dois volumes do «Isto é a Casa do Gaiato».

baptizou os meninos no último domingo. Tolentino foi também da nossa Casa de Paço de Sousa, onde aprendeu a profissão de alfaiate — que lhe serve de ganha-pão.

AGRICULTURA — Não nos tem faltado fruta, graças a Deus. Bom sinal. Os tomates estão amadurecendo. É um fruto que dá muito trabalho. Mas são gigos e gigos deles todos os dias para a cozinha. E que belo prato eles fazem!

As batatas novas já foram arrumadas no celeiro.

Luís Nunes Marques

A Venda do Jornal no Norte do País

Meus caríssimos amigos: Escrevo, mais uma vez, para o simpático jornal «O Gaiato» — o «Famoso»; conhecido de todo o mundo.

Uma triste verdade: ultimamente, a venda avulsa tem subido pouco. Tanto em jornais como em acréscimos! Mas não é por os vendedores fazerem sorna...

Aqui está o motivo: estamos em Agosto. Por isso, é difícil apanhar toda a gente nos Bancos, nas Caixas, no Gás e Electricidade, nas igrejas — porque foram para o campo e para o mar, de férias.

Deus lhe pague. Quando puder — sem lesar a Justiça — mando alguma coisa.

Sabe, é uma tentação; perco-me a ler os livros e vêm chamar-me — precisam de mim na cozinha, na rouparia, na quinta e eu faltei. É que estou a ouvir o Pai Américo outra vez a contar-me, gaguejando um pouco, todas aquelas maravilhas. Quantas já ele me contara. Torno a viver os momentos que passámos juntos em Coimbra, no Gerês e até numa viagem de rápido para Lisboa. Tomei aí em casa um cafèzinho com ele. Fazia troça, porque nesse tempo não comíamos fora de casa. Ele dizia-me: «Toma o café, anda, está tanto frio». Que grande Amigo...! Se não fora a Palavra Escrita, eu não viveria de novo a sua companhia. Que o Senhor vos ajude e rezem por mim...»

Quem resiste?! «Perco-me a ler os livros»... Não há dúvida, que também «Isto é a Casa do Gaiato» — diria Pai Américo. E de que forma!

● RECORTES

Se a todo o mundo faz bem devorar a opinião que «Isto é a Casa do Gaiato» suscita ao leitor comum, como resistir à tentação de transcrever breves apreciações publicadas na grande e pequena Imprensa? Pai Américo perdoa...

Eis o «Correio do Vouga»:

Mais uma preocupação: andamos com o «Isto é a Casa do Gaiato» na rua. E tem dado muito bem! Já passámos muitos livros. Peço aos meus amigos, porém, o grande favor de comprarem ainda mais livros: para oferecerem a pessoas amigas ou, ainda, entusiasmando outros a comprá-los. E, assim, arrumarmos o mais depressa possível esta reedição de 10.000 exemplares — que já vai de vento em popa!

O Júlio teve boa ideia, mandar livros pelos vendedores. Muitos senhores dizem bem desta lembrança. Assim, aqueles que a gente encontra escusam de pedir à nossa Editorial. Poupam tempo e caneta...

Para o nosso grupo entraram mais dois vendedores: «Toupeira» e «Tirol». Mas não saíu ninguém. Continuam todos no seu posto, tanto no Porto como nas restantes cidades e vilas do norte do País, que a gente bate de quinze em quinze dias. Os dois novos vendedores já foram aprovados. Vendem bem. E podem, ainda, dar mais. Então, mexam-se e sejam cada vez mais espertos, meus meninos!...

Para Outubro — quando todos regressarem de férias — a venda correrá melhor, como é costume, se Deus quiser.

Por hoje nada mais. Desejo recebido descanso aos nossos Amigos e muitas felicidades.

Jorge Alvor («Eusébio»)

«Saiu a segunda edição do segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato», do Padre Américo. O Padre Américo foi um caso. Um caso extraordinário de caridade, de amorosa fidelidade à Igreja, e até de literatura. Tornaram-se famosos alguns dos seus arrojados, ou, como diria Camões, dos seus «cristãos atrevidos». Mas por detrás de todas as aparências revolucionárias estava a firmeza de uma ortodoxia inabalável.

No volume agora reeditado sente-se a palpitação constante do seu coração de apóstolo. Há risos e lágrimas na sua prosa. Coisas pequenas a que ele dava um grande sentido. O Padre Américo tinha o segredo de descobrir mundos novos em todas as velharias do mun-

do. Nem lhe escapava o futuro. Cremos que ninguém ainda falou dele como poeta. E era um poeta. Um poeta e um profeta. Curvemo-nos sobre a sua memória e abençoemo-la mais uma vez.»

E o «Observador»:

«Isto é a Casa do Gaiato». Um dos maiores escritores de língua portuguesa, o Padre Américo, aqui tem mais um andamento da sua Obra. Verdade ali mesmo, sem subterfúgios, a dar meças a quanto escritor se fica pela literatice. Obra para ser lida, meditada e posta na estante, ao lado dos clássicos.»

Não são «críticas» ou «registos bibliográficos» de favor; ou de «capelinhas» do mundo literário... Mas testemunhos livres, de homens livres — que fazem da pena o seu altar. Mais ou menos qualificados, não importa. Vale mais o espírito do que a letra. E porque ele é, gera explosões de realce: «Obra para ser lida, meditada e posta na estante, ao lado dos clássicos».

Aqui ficam retalhos para a História, que terá muito que contar.

Júlio Mendes

O nosso Retiro

● Reportagem

Como é habitual todos os anos por esta altura, realizámos um pequeno Retiro. Foi em Lamego.

Os beneficiados foram os da casa dois de baixo, da nossa Aldeia: 16 rapazes, no total.

Lá para Setembro, será a vez dos da casa dois de cima, rumo a Águeda.

Partimos na quarta-feira, à tarde, por volta das 15 horas. E chegámos a Lamego cerca das 18,30 horas. Como era, ainda, cedo, muito cedo, demos uma rica volta pela cidade. Subimos, inclusivé, ao Santuário de Nossa Senhora dos Remédios. Chegada a hora, hospedámo-nos na Casa onde ficámos três dias bem cheios e muito felizes espiritualmente. Após o jantar reunimo-nos no salão. Procedemos à nossa apresentação e começámos o grande convívio. Éramos 58 participantes de ambos os sexos e de várias condições sociais, vindos de vários pontos do norte do País. Começámos por receber as boas-vindas e os esclarecimentos indispensáveis do que seriam estes três dias. Depois, para retemperar o físico, fomos dormir.

Quinta-feira de manhã reunimo-nos na Capela. Rezámos as orações da manhã e o Terço. Depois, tomámos o pequeno almoço. Reinava já muita alegria. Cantámos, dançámos. E pensava cada um, de si para si:

— Se isto é o princípio, não sei o que vai ser o fim!...

E o trabalho de rejuvenescimento da nossa alma começou. Constituímos quatro equipas de 14 elementos, com o respectivo chefe. Cada uma ocupou sua mesa e respondemos em bloco a um questionário, cuja síntese era elaborada pelo chefe.

Os trabalhos decorriam, sempre, com extraordinário interesse de toda a assembleia. Alguns, com o lápis numa mão e o caderno na outra, recolhiam apontamentos que

serão muito úteis. E assim passámos a manhã de quinta-feira. À tarde, cada equipa preparou o seu relatório para, à noite, apresentar no convívio. E durante aquelas horas vivas, até à noite, recebemos, recebemos sempre muito, muito, muito. O dia terminou com a Santa Missa — ponto de encontro de todas as almas, junto do Senhor, na Mesa do Altar.

Sexta-feira, houve muitíssimo mais alegria! Conheciamo-nos melhor... E até mesmo uns aos outros. Além das habituais palestras, tivemos uns grandes momentos de meditação e de desabafo com o Senhor. E, depois, «ligámos a ficha». Recebemos a Graça por intermédio do sacerdote. Acendemos as nossas velas, na capela, que simbolizam o Fogo que arde em nossas almas. À noite, participámos na Santa Missa. Sentiamos-nos mais alegres, mais leves! Foi um dia em cheio!

O dia de sábado foi preenchido pelas habituais palestras de formação: recomendações e encorajamentos. Reunimo-nos em conjunto, em volta da Mesa do Altar e depositámos nas mãos de Deus o nosso muito obrigado.

Finalmente, realizámos o último convívio — juntamente com os familiares. Cantámos, dançámos, exteriorizámos a nossa alegria cristã. E ouvimos, ainda, testemunhos de quase todos os convivas e de alguns familiares. Seguimos, depois, para a Capela, onde renovámos o nosso muito obrigado ao Senhor; e foi entregue o compromisso que nos propusemos. A Santa Missa selou a nossa união fraterna e espiritual.

Chegou a despedida. A indesejada despedida! Uns a correr, a pedir autógrafos; outros abraçados, banhados em lágrimas de satisfação cristã. Regressámos, enfim, cheios de coragem para enfrentar o que der e vier, na esteira da vida que temos de palmilhar — para merecermos a outra Vida.

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

tãos e filhos de Deus! Quantas vidas escravizadas pelo dinheiro que cada um quer juntar!

Sei que alguma coisa se tem feito pelos emigrantes e seus filhos. Há dias, a propósito de uma festa e carinhos aos filhos dos emigrantes, ouvi dizer que qualquer dia se pagava a quem quisesse emigrar.

No mês de Julho, no nosso Lar de Coimbra e noutras Casas, estiveram muitos franceses que vieram aprender português para poderem atender aos nossos emigrantes em França. Abrimos-lhes as nossas portas com alegria. É mais um passo a favor da vida da nossa gente.

Que estes nossos apontamentos possam ajudar a encontrar soluções para novos caminhos ou para caminhos errados.

Padre Horácio

● Rescaldo

Nosso amigo «Zucaca» — companheiro de jornada — tomou a iniciativa de recolher, já em Paço de Sousa, algumas notas e comentários, escritos especialmente para esta crónica, que vamos resumir — e servem de rescaldo da grande Fogueira:

«Manteigas» — «Encontrei o Caminho certo. E também uma solução para vários problemas que tinha pendentes, na minha vida pessoal e de comunidade».

Aristides — «Gostei do convívio, das palestras; e de ficar com a alma limpa. Deus esteja sempre connosco».

João Manuel — «Estes encontros são excepcionais! Gostei, participei e regressarei mais cheio de confiança no Senhor. Nós, jovens, queremos mostrar a nossa valentia, como um padrão a apontar o encontro da Verdade».

«Zucaca» — «Por palavras não posso exprimir, completamente, o que senti nesses três dias de alegria. Alegria tão forte, tão forte! Temos de partilhar esta alegria com os outros, que vivem na solidão...».

Américo — «O convívio fraterno pode comparar-se ao episódio da Transfiguração do Senhor. Sentiamos-nos ali tão bem! Mas não podia durar sempre... Frutos do Retiro: Cristo chamou-nos a assumir a nossa responsabilidade de cristãos; e a darmos testemunho dessa nossa qualidade. Nós aderimos a Ele; agora, sigamo-Lo».

«CAMPANERA»



Ver um grupo de crianças sadias, é belo! Observar suas brincadeiras, suas correrias, é maravilhosos! Escutar o cantar de seus risos cristalinos, qual água a correr, é bem um motivo para um sugestivo «slide» de alma (porque os «slides» de máquinas fotográficas apenas recortam aspectos sumamente materiais). Ai, mas quando a tudo isto se junta uma grande piscina, um parque infantil (semeado de balouços, jardins, relva, fontes de água corrente...), áreas engalanadas por uma verdura exuberante, então as perspectivas de beleza ainda são maiores. Em nossa Casa de Setúbal há um pouco de tudo isto. — Grupos ruidosos de crianças felizes como as demais do mundo; uma grande e bonita piscina; um parque infantil em vias de concretização; uma luxuriante vegetação por toda a quinta, onde se pode respirar uma atmosfera campesina, de ares saudáveis, libertos de toda e qualquer poluição. O ideal para a vida em crescimento!...

Um destes dias — era ao pôr do sol — estava sentado em uma das partes laterais da piscina. Tão poucas vezes me vejo assim tão embevecido na contemplação da Natureza! Embora este quadro se me tenha apresentado mais do que uma vez aos olhos, raramente tenho achado aquele cenário tão

Setúbal

lindo como nesse dia. As ameixeiras, em frente, carregadinhas de fruto, corriam em toda a extensão a vinha, ornada dum verde bastante garrido. Mais ao fundo, lá muito em baixo, o pomar enxameado de tonalidades verdes e amareladas, parecia ser o berço onde o Astro-Rei se ia deitar, postado por trás das laranjeiras e tangerineiras, a encobrirem igualmente os galinheiros. Mas a Natureza quando se quer mostrar aos olhos dos homens, fá-lo em toda a sua plenitude. E brindou-me com um grupinho de alegres «Batatinhas», todos eles de idades compreendidas entre os 6 e 10 anos. Encavalitaram-se-me nas pernas, rodearam-me os braços, numa azáfama apenas permitida à meninice. As «Pessoas Grandes» já se guiam por regras de etiqueta, por preconceitos e outras formas rígidas, como o «estar bem» ou o «estar mal». E não se encavalitam, nem beijam as pessoas com a naturalidade que só as

crianças tão bem põem em prova. As «Pessoas Crescidas» saturam-se com as brincadeiras das crianças, na maior parte dos casos. Estava disposto a perder umas horas com eles, rindo com eles, saltando com eles. Mas não. Também eu me saturei. Sou também uma «Pessoa Crescida». Tenho outros afazeres. Corro, como as demais, envolto nas actividades sincronizadas pelos ponteiros dum relógio. E nesta pressa, nesta preocupação do «ter que fazer», não reagi à prova que a Mãe-Natureza me fez nesse dia.

«Deixai vir a Mim as crianças, porque delas é o Reino dos Céus», legou-nos o Mestre, o Senhor que tudo sabe, Ele que em Si é a Sabedoria. E nós homens, uns insignificantes, caminhamos à Sua imagem?!... Não. Se adolescentes, ambicionamos ser homens feitos, à semelhança dos nossos pais. Se homens, ambicionamos ser mais maduros. E quando nos bate à porta a velhice, voltamos a sentir necessidade de recordar com ternura os bons tempos da infância. Nós, uns eternos insatisfeitos... Que maravilhosa lição aquela brotada do coração dum homem igualzinho a nós! Sim, refiro-me a Antoine de Saint-Exupéry e ao seu «Príncipezinho». Um livro que, sob uma faceta infantil, é tão somente dirigido a nós, as «Pessoas Grandes», que teimamos viver uma ilusão, cronometrada segundo a segundo. Quão grande e maravilhosa é a In-

fância!... Infância onde tudo é simples, sem trocadilhos nem preocupações de controle de tempo...

Rogério

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

«Obra nasce pequenina, como é próprio das coisas destinadas a ser grandes».

Este é o voto, de todo o nosso coração, à Secretaria ora recém-nascida. Este o fundamento da nossa esperança.

Os trabalhos da nova Aldeia continuam. Deles queremos dar notícias, hoje, para que todos possam partilhar das nossas angústias e problemas. A Obra não é dum padre ou dum grupo de padres; pertence a toda a Família, de dentro e de fora. Em matéria de tal monta, não pode haver lugar para indiferentes ou apáticos.

As oficinas estão prontas e aguardam a instalação de novas máquinas ou a transferência daquelas que se encontram nas velhas oficinas e vale a pena aproveitar. A formação profissional dos Rapazes à escaia do tempo, é assunto vital. A nossa própria subsistência depende, em grande parte, do trabalho próprio. Aguardamos a instalação da linha que há-de trazer à Aldeia a alta tensão e a entrada ao serviço da imprescindível cabine eléctrica. Para tudo são precisas verbas elevadas e, em ordem a recolher algumas ajudas, temos andado por Seca e Meca. Por exemplo, só o transformador custa à volta de 40 contos!

A primeira das casas exclusivamente habitacionais, para 50 Rapazes, vai subindo. As perspectivas abertas, ainda que afastadas na sua concretização, são um estímulo, no meio das contrariedades e problemas que se nos deparam. Um novo poço em ordem a dotar a Aldeia de infra-estruturas adequadas, está a ser construído. Enfim, respira-se um ambiente de azáfama.

Até agora nada recebemos oficialmente. Temos apenas contado com as ajudas que nos chegam, daqui e dali, à maneira do grão a grão, e com o trabalho dos Rapazes e da organização

Aqui Lisboa

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

-de ir aliviando como até agora, através de quem se sente chamado, como os que seguem:

Cruz da Beira todos os meses «para qualquer necessidade». De Alexandre e Rosalina mil. Da Cajuca os dois sacos de desperdícios. Outra vez mil de uma promessa. Cem de Pretória. Duas bases e respectivos colchões. De quantos e quantos precisamos ainda... Mil de um Padre que aqui passou. Deu o que lhe tinham dado havia pouco. A mensalidade de 300\$ de um sr. Eng.º da Beira. Lençóis, colchas, toalhas e cortinas das Guias da Capela Militar que tanto têm trabalhado para nós. «Uma pequena oferta» de 150\$. Dez mil da Superiora das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. Mais quatro mil de uma promessa. De uma vizinha, 500\$ e laranjas. Por laranjas — Temos ido várias vezes a Boane e também nos foram trazidas pela Comissão de Assistência.

Visitantes com 500\$, 600\$ e 150\$. Bilhetes para o Festival da nossa Juventude no Estádio Salazar, oferecidos pela Bonanza. Uma «migalha» de 500\$ de uma «cocacola». Da Permar várias entregas na Catedral. Mais visitantes com cal-

çado e 100\$. De uma estudante cheque de 750\$, numa visita de confraternização com os jovens da Catedral. Retalhos de linho para cobrir as feridas dos nossos. 500\$ «de uma assinante para que a Obra seja levada com o auxílio de Deus». É isso mesmo: quem dá, fá-lo em nome de Ele. Outro modo de dar não conta para a Vida. 15 rands de Fairview e 634\$60 do Pessoal do Instituto de Veterinária.

Mercearias de Lopes & Irmãos. Da C. I. M. farinha de milho e massa. Da Fasol 1500\$ mensais. Mais mil e trezentos na visita de um casal com seus filhos. Do amigo do nosso Toninho, 3.500\$ na partida para férias. De P. Santos Gil 50 Kg de arroz todos os meses. Casa Bernina, 50\$ idem. A pedir a saúde do marido, 300\$. Visitantes com 500\$. E igual a um vendedor, na Capela dos Maristas. Uma máquina de lavar roupa, já usada. Quem nos dera poder apetrechar convenientemente a nossa lavandaria... Estudante de medicina com 50\$ mensais. Visitantes com 200\$ e uma Mãe de Lourenço Marques com 500\$. Subscritores pela mão da D. Alda P. da Cruz, com 2.400\$. Uma camisola nova e cem de uma professora que veio à nossa Escola fazer exames da 4.ª classe. De Lopes & Baptista 10 Kg de peixe todas as semanas, que fazem um grande arranjo na nossa mesa.

Por tudo e o mais que não lembra, Deus seja louvado.



Ontem mal se mexiam nas barracas. Hoje espaços abertos de mãos dadas.

internacional dos «Companheiros Construtores». Muito nos apraz registrar, entretanto, algum auxílio vindo de Roma, pela sua origem e pelas palavras encorajantes que o acompanharam. Somos da Igreja e fora dela não concebemos a nossa entrega. O influxo de energias chega-nos, porém, dos mais variados sectores. Se somos de Deus, carregados embora com as nossas limitações e pecados, também, e por isso, somos dos Homens. Por exemplo, que força de ânimo sentimos ao receber, dum pai de 9 filhos, por conta dos aumentos do ordenado e do abono de família, uma certa quantia?! E que dizer daquele casal de «humildes funcionários», que sempre desejou ter uma televisão e finalmente resolvera comprá-la a prestações mas, ao ouvir-nos falar em certa Igreja de Lisboa, decidiu enviar todos os meses o valor da prestação respectiva, renunciando por ora a esse legítimo prazer?! Oh, como somos pó perante tanta grandeza! E como nos sentimos pequenos ante persistência apagada e sacrifícios de tantas Almas, que connosco contactam e nos ajudam!

Por hoje somos chegados ao fim. Que esta espécie de missiva, além de ser comunhão convosco, possa contribuir para uma paragem, no meio das preocupações, trabalhos ou lazeres, em ordem a aprofundar as responsabilidades que sobre todos nós impendem e a contribuir para um Mundo mais belo e feliz.

Padre Luiz

